

Economia começa o ano em recuperação

O crescimento do primeiro trimestre de 1998 surpreende e deverá ser superior a 3% na comparação com o mesmo período de 1997

Rio — A economia brasileira começou a dar sinais de recuperação em janeiro, depois de dois meses consecutivos de queda da produção industrial (-3,5% em novembro e -5% de dezembro). As estimativas do Instituto de Pesquisa de Economia Aplicada (Ipea) apontam para um crescimento de 6% da atividade da indústria em janeiro em relação a dezembro e 1,5% sobre o mesmo mês do ano passado.

Com esse resultado, as últimas projeções de queda de 2% do Produto Interno Bruto (PIB) no primeiro trimestre do ano, feitas pelo Ipea no final de dezembro, foram revistas para uma redução de apenas 0,7% em relação ao último trimestre de 1997.

Os dados são dessazonalizados — ou seja, não levam em conta fatores específicos de cada época do ano — e constam da *Carta de Conjuntura* do Ipea de fevereiro, divulgada ontem.

Na comparação com o primeiro trimestre de 1997, o crescimento previsto para economia entre janeiro e março deste ano ainda é mais expressivo, algo em torno de 3%, conforme informou o chefe do grupo de acompanhamento conjuntural do Ipea, Paulo Levy. Os números superam todas as estimativas feitas até agora por especialistas, mas Levy, em dezembro do ano passado, já esperava uma rea-

tivação da economia por conta do aumento do consumo no fim do ano, que surpreendeu o comércio. “Dezembro foi um mês ruim para produção, mas o consumo foi alto, o que acabou levando a uma recuperação da indústria em janeiro”, explicou.

COMPARAÇÃO

Essa recuperação de janeiro foi puxada pelos setores de bens semi-duráveis e não-duráveis (vestuário e alimentação, por exemplo), que cresceram 8,9% em relação a janeiro de 1997, e pelo segmento de bens de capital (máquinas e equipamentos para indústrias), com uma alta de 9,1% na comparação com janeiro do ano passado.

Mas Levy observa que quase todos os segmentos tiveram bom desempenho no mês passado, com exceção de bens intermediários, que havia apresentado a menor queda nos últimos dois meses de 1997 e permaneceu relativamente estável em janeiro.

Além disso, os efeitos estatísticos colaboraram para o bom resultado do início do ano. “O primeiro trimestre do ano passado foi fraco, logo a base de comparação era muito baixa”, disse Levy.

Apesar das boas notícias, os economistas do Ipea alertam que o ajuste estrutural das contas públicas é condição básica para a

Paulo Withaker 25.06.96



Ritmo acelerado: a produção industrial aumentou 6% em janeiro em relação a dezembro

sustentação da política de estabilização.

“O déficit público nominal de 5,89% do PIB foi bem mais alto do que esperávamos, é preciso um esforço em certas áreas do governo

para diminuir o déficit neste ano”, diz Levy.

De qualquer forma, apesar do descontrole das contas de estados e municípios e da Previdência, que tiveram maior impacto negativo

sobre o déficit, Levy observa que uma boa parte do mau resultado de 1997 tem a ver com os esqueletos do governo, como os subsídios agrícolas concedidos em 1995 na renegociação da dívidas dos pequenos e médios agricultores, e o impacto disso nas contas públicas está aparecendo só agora.

Segundo o Ipea, a taxa de investimento da economia em 1997 foi de 18% do Produto Interno Bruto (PIB), com um crescimento de 1,5 ponto porcentual em relação à de 1996. Ainda que distantes da média da década de 70 (23,3% do PIB), esses níveis de investimento refletem a recuperação do setor de infraestrutura, resultado do programa de privatização e da concessão de serviços públicos e

de modernização e ampliação da indústria. “Este último movimento já pode ser caracterizado como uma segunda onda de investimentos nos anos 90”, diz o editorial da *Carta*.